



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9518 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

CORPOREIDADES, ESCRIVIVÊNCIAS E MÚLTIPLAS EXISTÊNCIAS:
ENUNCIÇÕES E NARRATIVAS DE ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO E
RESTRICÇÃO DE LIBERDADE

Jéssica Montuano Gonçalves Ramos Mattos - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CORPOREIDADES, ESCRIVIVÊNCIAS E MÚLTIPLAS EXISTÊNCIAS:
ENUNCIÇÕES E NARRATIVAS DE ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO E
RESTRICÇÃO DE LIBERDADE

RESUMO: A pesquisa em andamento está sendo feita a partir de oficinas de leitura e escrita com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, problematizando as relações dos corpos e das corporeidades dessas jovens com a escrita e a literatura. Através de uma metodologia pelas narrativas, o objetivo é investigar as enunciações e os discursos das adolescentes em privação e restrição de liberdade e como suas corporeidades, escrevivências e múltiplas existências se apresentam e dialogam entre si e comigo, enquanto educadora nas oficinas do projeto *Escrevivendo a Liberdade*. A pesquisa aprofundará sobre a importância e o porquê trabalhar com literatura e escrita; as compreensões de quem são estes corpos dentro dos espaços de privação e restrição de liberdade e como nossos corpos confluem a partir desses encontros; quais as culturas, diálogos e existências possíveis; e como refaço meus saberes-fazer enquanto educadora cotidianamente. Será compartilhado uma apresentação do projeto, como o trabalho vem acontecendo no contexto pandêmico e a relevância social dessa pesquisa e de nossas escrevivências.

Palavras-chave: Corporeidades; Escrita; Escrevivência; Literatura; Socioeducação.

Esse resumo compartilha a pesquisa de mestrado em andamento, realizada em universidade pública estadual da região sudeste do Brasil. A partir do trabalho como educadora e coordenadora pedagógica em um projeto chamado *Escrevivendo a Liberdade*, dentro de uma unidade feminina do DEGASE, no Rio de Janeiro, investigo que corpos são esses que me atravessam no ambiente da privação de liberdade e, se é possível, a partir da literatura, possibilitarmos caminhos de reconhecimento de si mesmas e suas histórias. É possível propôr um processo de desnaturalizações das narrativas de violência e dor inscritas nas histórias de vida dessas adolescentes?

Desde o ano de 2019, uma das unidades do DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas) no Rio de Janeiro abriga o *Escrevivendo a Liberdade*, um projeto de

educação não-formal que atua com literatura e escrita com adolescentes em privação e restrição de liberdade (JULIÃO, 2020) e com familiares destas/es adolescentes. Essa ação educativa nos convoca a olhar essas adolescentes, como jovens que são, para identificar as especificidades de nossa atuação. Estamos lidando com adolescentes público-alvo da educação de jovens e adultos, e apesar de sermos um projeto de educação não-formal, lutamos por uma escola digna dentro e fora do sistema socioeducativo.

Nossa compreensão da literatura não é como algo redentor, mas como um direito histórico e cultural (CASTRILLÓN, 2011). O não-acesso à leitura é um entre os muitos mecanismos de exclusão e buscamos fazer de nossa atuação o acesso e a garantia a um direito que entendemos ser fundamental. Nesse processo, buscamos apresentar e mergulhar em literaturas que dialogam com as escrevivências das/os adolescentes, suas trajetórias de vidas e de suas famílias. Escrevivência é a escrita a partir da condição de mulher negra, periférica, marginalizada, é a escrita a partir de nossas próprias vivências, pelos nossos próprios corpos e significados (EVARISTO, 2017). Escolhemos a literatura negra, marginal, periférica, por ser uma literatura que as aproxima e não as afasta, fazendo sentido para elas/es porque é sentido também por elas/es. Aqui destacamos elas/es porque a distribuição das jovens em cumprimento de medida socioeducativa na única unidade feminina do Estado do Rio de Janeiro é não somente pelo sexo, como também por sua identificação de gênero e sexualidade – encontramos jovens com vulva que se entendem enquanto mulheres e homens e jovens com pênis que se entendem enquanto mulheres – o que já revela a importância do olhar sobre esses corpos para além do que está na primeira camada, ouvir para além do que está sendo dito, sentir para além do que está evidenciado.

As oficinas são suleadas (parto aqui de uma diferente episteme que coloca o Sul como referência) com literaturas negras, marginais e periféricas. A escolha destas literaturas não se dá somente pela compreensão de quem são esses corpos que nos atravessam, mas também por uma urgente ruptura com o epistemicídio (CARNEIRO, FISCHMANN, 2005) que aniquila os saberes-fazer e as existências dos povos originários e afro-brasileiros.

Caminhando com Antonio Cândido, Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa e Silvia Castrillón, a pesquisa aprofundará sobre a importância e o porquê trabalhar com literatura e escrita; com Ailton Krenak, Frantz Fanon, Grada Kilomba, as compreensões de quem são estes corpos dentro dos espaços de privação e restrição de liberdade e como nossos corpos confluem a partir desses encontros. Já com bell hooks, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Stuart Hall, penso as culturas, diálogos e existências possíveis e refaço meus saberes-fazer enquanto educadora a partir do momento que me coloco presente e em movimento nos encontros com as/os jovens.

Nesse contexto de pandemia, provocada pela covid-19, o contato com essas jovens se faz mais urgente e necessário, pois para além de todos os outros direitos negados – alimentação, saúde, moradia, vacina, lazer – a educação e o contato com diferentes formas artísticas e de expressão, são também o que Antonio Cândido chama de bens incompressíveis (CÂNDIDO, 2004), estes que não podemos abrir mão, que são inerentes à vida. O percurso do trabalho neste último um ano e meio em contexto de pandemia foi alterado algumas vezes para realizar o distanciamento social e, para continuarmos mantendo contato com as adolescentes, de acordo com a realidade do DEGASE. De 13 de março de 2020 até janeiro de 2021, trabalhamos com trocas de cartas, envios de materiais de escrita, envios de livros e vídeos com leituras de textos e contações de histórias. A partir de janeiro de 2021, retornamos presencialmente para a unidade com nossas oficinas de literatura e escrita, cumprindo as medidas sanitárias exigidas.

Ao estudar a potência da palavra e das enunciações, estudar esse corpo que existe a

partir do outro, e que existe ao falar e também ao não falar, pretendo trazer o potencial emancipatório de uma educação como prática da e para a liberdade (FREIRE, 1991). Pensar a educação para essas jovens e adultas me faz avaliar os espaços educativos os quais percorri, e quais oportunidades me foram ofertadas e quais tive que buscar e criar para tessitura de epistemologias críticas e contra hegemônicas. Na contramão da negação e privação de direitos, a literatura e a escrita podem ser trabalhadas enquanto potências, enquanto formas de ser e estar no mundo, de se expressar, de se reconhecer. Já conhecemos muitas das negações que as adolescentes passam além da privação do seu direito de ir e vir e a literatura e a escrita vêm justamente em auxílio ao direito delas de contarem suas próprias histórias, de narrarem suas escrevivências, como diz Conceição Evaristo.

A relevância social dessa pesquisa perpassa diferentes lugares e espaços-tempo. Falar sobre as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, todas as suas singularidades, enunciações, vontades e quereres faz parte de desmistificar o que é muito falado sobre elas. Faz parte de uma reparação histórica com uma parcela da população que forçadamente deu o sangue para o surgimento de uma nação, a qual perpetua exigindo que nosso sangue escorra pelas mãos brancas que nos impossibilitam de existir. Como Ferréz (2005, p. 10) fala: “trazer melhorias para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte”. E essa perspectiva acompanha o desenvolvimento dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS:

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre o azul, 2004.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra**. NEXO, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 09 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário**. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>. Acesso: 09 out. 2020.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: literatura marginal – terrorismo literário. *In*: FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

JULIÃO, Elionaldo (org). **Em diálogo com a Educação de Jovens e Adultos**: questões, reflexões e perspectivas. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; e GERALDI, João Wanderley. Narrativas outros conhecimentos, outras formas de expressão. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alli, 2010.

